Folha nº 02 de proc.
nº 11 de 1996

JUSTIFICATIVA

A concessão de Título de Cidadã Paulistana a Sra. Luiza Erundina de Souza será uma justa homenagem a uma mulher que muito tem lutado pela justiça social.

Como Prefeita de São Paulo, implementou um governo sério e honesto, priorizando o social.

A luta de Luiza Erundina de Souza serve de exemplo para milhares de pessoas no Brasil, todos que buscam erradicar a pobreza, o preconceito e as injustiças sociais.

Conto com o apoio dos nobres pares pela aprovação desta propositura.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. – IMESP

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Centro de Documentação e Informática
Subdivisão de Documentação
HEMEROTECA

JORNAL DA TARDE
Data 02-01-89
Pasta nº C-242

Folha nº 03 de proc.
nº 11 de 1996

Política
A PREFEITA

A Luiza por trás de Erundina

Erundina pouco fala da Luiza. Mas ela existe, e seus amigos revelam que é uma mulher doce, reservada, amante da música de Beethoven e que adora dançar.

Por Valdir Sanches

Luiza, aos 15 anos, antes de se "casar com a causa".

Retire-se o jeans da campanha e coloque-se o tailleur da posse. Um pouco mais de blush, batom alguma coisa mais vivo, e o cabelo da capa da **Veja**, melhorado. Temos Luíza Erundina, pronta para a cerimônia na Prefeitura. Mas sob o tailleur e a maquiagem, atrás das lentes dos novos óculos (tão mais suaves) estará a mesmíssima Erundina de hábitos despojados, determinada e ativa, de palavras e gestos fortes — que alguns de seus melhores amigos e colaboradores chamam de doce mulher.

Seu novo vestuário de prefeita tem particularmente calças compridas e blusas confortáveis, porque ela não pretende passar os dias sentada em seu gabinete de prefeita; mas atacar os problemas onde eles estão — nas ruas. Disposição e vigor são o que não lhe falta. E ninguém tem dúvida de que, por isso mesmo, Luíza — a que gosta de teatro, leitura, balé e música — perderá seu já pouco espaço para Erundina — a guerreira.

Um correspondente estrangeiro perguntou-lhe, dias depois da posse, porque ela não se casou. Foram os estudos, o trabalho — respondeu — o envolvimento com os problemas na área social. Uma amiga de Erundina tem uma definição mais concisa: "Ela casou com a causa". Assim, mesmo (confessou ao jornalista estrangeiro) viveu rápidas e fulgurantes paixões.

Enfim, Luíza não casou porque Erundina não teve tempo. Recentemente, um engenheiro de 60 anos mandou a Luíza Erundina uma longa e apaixonada carta, com foto e tudo: um pedido de casamento. Ela achou graça naquilo, fez algumas brincadeiras. "Mas no fundo ficou envaidecida, de receber uma carta apaixonada" — confidencia uma colaboradora.

"Erundina vive para o coletivo" — diz a advogada e petista Maria Tereza Rodrigues, que a conhece há muitos anos. Esse modo de vida, especifica Maria Tereza, inclui até a hora das refeições. "Quando ela vai almoçar, por exemplo, ninguém fica fora, esperando. Motorista, segurança, todos almoçam com ela".

Maria Tereza, mulher do publicitário Carlito Maia, define a prefeita como "uma pessoa de expressão e de palavra", por esses dois meios mostra-se verdadeira. "Você vê em seus olhos, em cada momento" — diz a advogada Arthur [illegible] capacidade de não ter dúvidas: "Mesmo num momento [illegible] consegue pensar e se expressar com clareza.

Dançando e Cantando

E quanto a isto, a secretária particular de Erundina, Mona Zeyn, pode acrescentar: "Se tem que dizer alguma coisa para alguém, ela pode amaciar, suavizar um termo, mas não deixa de falar exatamente o que pensa". Mona foi aluna de Erundina, quando esta lecionava Sociologia do Desenvolvimento nas faculdades FMU. Como era a professora Erundina? "Era sempre firme, mas transmitia a matéria com afetividade. Dava uma aula de tal maneira completa, que acabava avançando nos temas de outras matérias".

Discutia política estudantil, diz Mona, era amiga dos alunos. Mas não permitia gracinhas ou brincadeiras: "Ela nunca foi de dar brecha para essas coisas". Um outra assessora, Aída Muminos, trabalhou com Erundina enquanto foi deputada, por isso a conhece bem. A deputada achava que todos os que fossem ao seu gabinete deviam ser atendidos. Era proibido dizer que estava ocupada ou não podia atender.

Às vêzes ela estava sendo chamada pelo alto-falante, porque era sua vez de falar em plenário, mas continuava a ouvir as queixas das pessoas que iam procurá-la. Era gente simples, com problemas que ela estava cansada de conhecer, mas ela ouvia atentamente" — conta Aída. Trabalhava do comecinho da manhã, até o fim da noite. Nos fins de semana ia à periferia, tentar resolver problemas".

Já Luíza é pessoa que gosta de ouvir em silêncio clássicos de Beethoven e outros imortais. Lê muito — quando pode. "De tudo" — dizem seus amigos. Luiza gosta muito de dançar e de comer, como mostra quando vai a um de seus restaurantes preferidos, o Andrade, em Pinheiros, que serve carne de sol e forró. Ou como deixou muito claro na visita à sua terra natal, Uiraúna, na Paraíba, no começo de dezembro. Num jantar que acabou em forró, ela puxou o balé tirando Eduardo Suplicy, o vereador mais votado de São Paulo — e dançou até as três da madrugada.

Um outro gosto (este contido) de Luíza é cantar. Seus amigos e companheiros de partido dizem que ela canta muito bem. Luiz Eduardo Greenhalgh, o vice-prefeito, ficou empolgado com o que viu acontecer num comício na periferia. Um violeiro "sem terra" começou a cantar, e de repente Luiza roubou o espetáculo. Cantou três músicas — Asa Branca, Caminhando e uma terceira — e foi muito aplaudida. "Uma voz ótima, muito melhor do que a do violeiro" — garante o vice.

Sem excentricidades

Quem conhece bem esta vocação de Luíza é sua amiga Lílian Antônia do Amaral, que é música. Toca piano em restaurantes finos e eventos do tipo UD, além de militar no PT. Mas Lílian é reservada quanto aos dotes artísticos da amiga. Prefere apenas descrever a prefeita como "uma pessoa muito alegre" — o que de resto fazem os que a conhecem. A pianista almoça muitas vezes com Erundina, mas diz que esta pouco fala sobre Luíza: "Ela dificilmente fala de si mesma". Outra coisa: "Não tem excentricidades. Conversa de igual para igual com todo mundo".

Quanto a reserva de Luíza Erundina sobre si mesma, pode ser confirmada por uma de suas irmãs, Lourdes de Souza. É Lourdes quem está cuidando do apartamento de dois pequenos quartos da irmã, no Jabaquara (Erundina vivia apenas com a mãe, que morreu há um ano). Durante o vôo de volta de sua viagem à Paraíba, Erundina passou um bom tempo calada e pensativa, numa atitude introspectiva. Depois de tanta expansividade na viagem, o que estava acontecendo?

"Às vezes, ela é difícil de entender. Sobre as coisas dela, não conversa com ninguém" — disse então Lourdes. E às vezes tem uma certa dificuldade para falar sobre banalidades do seu cotidiano.

Cinco dias depois de eleita, Luíza Erundina respondeu às perguntas de uma jornalista, para uma seção de preferências pessoais. Não foi fácil, nem para a repórter. Imagine Erundina, a socialista **habituée** da periferia, respondendo qual é seu "sonho de consumo" ("Não tem, mesmo" — ela respondeu). Não lembrava a marca do xampu e da pasta de dentes, nem a do aparelho de videocassete.

Roupa? "Esporte, calça jeans e camisa". Acessórios? "Borboleta ou estrelinha do PT". Maquiagem? "Só batom e pouco blush". Creme para rosto? "Não uso". Quando a repórter perguntou quem era seu símbolo sexual, Luíza Erundina corou: "Não tenho". Mas elegeu seu herói, heroína, pensador e político: Che Guevara, Rosa de Luxemburgo, Marx e Lula.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Centro de Documentação e Informática
Subdivisão de Documentação
HEMEROTECA

JORNAL DA TARDE
Data 02-01-89
Pasta nº
Folha nº 04 de proc. nº 15 de 19 96

Em 58, regente de coral.

Em Uiraúna, dançando com Suplicy.

Álbum de família

A jovem estudante (no círculo), com a mãe, a avó e os irmãos.

AS PALAVRAS, ANTES E DEPOIS.

Na campanha, discursos inflamados. Eleita, Erundina abrandou seu radicalismo e começou a dialogar.

Da utopia à dura realidade. Assim foram os sessenta dias vividos pela prefeita Luiza Erundina antes da posse. Até 15 de novembro, vestida com suas roupas preferidas e, de fato, mais adequadas à campanha de rua — camisões, **jeans** e sandálias de couro —, Erundina utilizava uma retórica radical para enpolgar o eleitorado.

"Nós vamos realizar em São Paulo o primeiro passo na busca efetiva, concreta, do socialismo em nosso país, um grande salto para uma sociedade socialista", proclamava no comício do dia 6 de novembro, na praça da Sé, que selou o apoio do PDT à sua candidatura, com a retirada de Aírton Soares.

Prosseguia Erundina em seu discurso inflamado: "O socialismo não virá apenas quando virarmos a mesa. A revolução começa na luta ideológica e cultural. Vamos tomar a terra dos ricos e colocá-la à disposição do povo".

Por aqueles dias, para assegurar a vitória, o PT buscava também o apoio do PSDB, rejeitado pelo candidato tucano José Serra como uma "manobra de Leonel Brizola". A candidatura de Luiza Erundina começava a crescer e, às vésperas das eleições, ela passava para o segundo lugar, superando João Leiva, do PMDB. As pesquisas animavam os militantes.

No dia 15, ao votar às 9h35 na EEPG Condessa Filomena Matarazzo (avó do ex-deputado e vereador Eduardo Matarazzo Suplicy), no bairro de Ermelino Matarazzo, Erundina — recebida com rojões — estava convicta: "A vitória já está assegurada". De fato, a maioria dos indecisos tinha optado pela candidata petista, beneficiada ainda com votos de eleitores do PMDB e do PSDB, que preferiam Erundina ao ex-governador Paulo Maluf, do PDS.

Dois dias depois, ela sobrevoava a cidade, durante duas horas, no helicóptero da **Rádio Eldorado**, marca no ar um encontro com o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman (que estava no estúdio da emissora). Já procurando abrandar a imagem de radicalismo, transmitida nos comícios (embora atenuada no horário gratuito), ela anunciava a busca do diálogo com os empresários, garantindo: "O preconceito contra uma administração petista vai desaparecer".

Ao mesmo tempo, manifestava o desejo de avistar-se com o governador Orestes Quércia e com o presidente Sarney, "porque São Paulo é maior que as divisões políticas". E anunciava a inversão de prioridades em relação à administração de Jânio Quadros: "Ele comprometeu os interesses da população de baixa renda, ao investir em obras não-prioritárias, e piorou a qualidade de vida de quem constrói a riqueza em São Paulo".

Ante a proximidade do poder, Luíza Erundina foi aparando as arestas de sua retórica, para torná-la mais aceitável pelo empresariado e setores conservadores. Mas a festa prosseguia e, no dia 18, 40 mil petistas comemoravam a vitória na avenida Paulista, promovendo o enterro simbólico de Jânio Quadros.

A responsabilidade preocupa também a Direção Nacional do PT, que no dia 20 anunciava a criação de um grupo para assessorar todos os prefeitos do partido eleitos no País e evitar os conflitos entre a administração e correntes **xiitas** do partido que causaram o fracasso em Diadema e Fortaleza.

Escorregão

Toda cautela não impediu que, ao participar do programa "Roda Viva", da TV Cultura, no dia 21, ela desse um escorregão verbal, ao admitir, em tese, a luta armada como forma de se atingir o socialismo: "Se esse for o meio e se as condições objetivas estiverem dadas, não há outra alternativa".

No dia 23, a declaração repercute muito, e irrita a prefeita eleita, que tivera sua vitória confirmada pelo TRE na véspera, com 277 mil votos de diferença (5,4%) sobre o candidato do PDS.

Dois dias depois, ela se encontra com Jânio Quadros, consegue a promessa de

que a bancada janista votará a favor da aplicação da OTN sobre as parcelas do IPTU e a retirada do projeto que previa a venda das ações da Comgás. Mas não o demove da intenção de vender os 12,3% de ações da Cia. do Metrô em poder da prefeitura.

No dia 28 viaja para a Paraíba, onde é recebida com festas, e no dia 30 comemora seu aniversário (54 anos) em sua cidade natal, Uiraúna, a 480 quilômetros de João Pessoa.

Em dezembro, recomeça o trabalho, com o "governo de transição" discutindo os planos para os primeiros dois meses de administração, na "Casa Rosada" (alusão do Palácio de Governo argentino), uma mansão do Jardim Paulista emprestada pela mãe do vereador Eduardo Suplicy, dona Filomena.

A preocupação continua sendo o IPTU e, no dia 5, ela volta a se encontrar com Jânio Quadros. À tarde, conversa 40 minutos com o governador Orestes Quércia, conseguindo que a Secretaria de Estado de Esportes e Turismo antecipasse a liberação de 75 mil OTNs para a organização do Carnaval.

Livre iniciativa

No dia seguinte, ela participa de um debate de três horas na Fiesp, defendendo a propriedade produtiva, mas afirmando ser "legítimo que famílias de trabalhadores sem alternativa para resolver seu problema de moradia ocupem espaços vazios". Mário Amato, presidente da Fiesp, disse que "ninguém é líder por acaso" e que, embora discordasse de alguns pontos, os empresários não criariam dificuldades à administração de Erundina.

Em 8 de dezembro, ela volta a defender a livre iniciativa na Federação do Comércio, mas insiste na estatização das linhas de ônibus. Abram Szajman, presidente da entidade, considera-a "aprovada no teste". À tarde, Erundina segue para o Rio, onde pede o apoio do presidente do BNDES, Márcio Fortes. No dia seguinte, anuncia seu secretariado. No sábado, dia 10, inicia a formação dos Conselhos Populares, participando de "plenárias populares" organizadas nos bairros pelo PT, e confirma que o secretário dos Negócios Jurídicos, Hélio Bicudo, estivera na França e na Espanha buscando apoio para a obtenção de recursos destinados a creches, postos de saúde e escolas. No dia 16, anuncia pontos do chamado "Plano de 100 dias".

As fortes chuvas que inundaram e causaram desabamentos na cidade entre os dias 20 e 22 preocupam a prefeita eleita, que no dia 21 percorreu vários locais atingidos. Pouco mais de um mês havia decorrido desde as ruidosas comemorações de vitória.

Folha nº 05 do proc. nº 11 de 1996

Zé do Muro, um boneco utilizado na campanha do PT na televisão, beija Luiza Erundina, que todas as pesquisas já consideram a nova prefeita de São Paulo. Uma surpresa que se repetiu em vários pontos do Brasil, num protesto dos eleitores contra os governos do PMDB e a situação do País.

O QUE ISSO SIGNIFICA

O tamanho do protesto foi maior do que se esperava. Perto de setenta milhões de eleitores brasileiros destroçaram ontem nas principais capitais do País o maior partido governista — o PMDB. Transmitiram um claro recado ao moribundo governo Sarney e lançaram definitivamente em plataforma nacional um partido que promete reviver o confronto ideológico entre esquerda e direita: o PT.

Ainda antes da abertura das urnas, marcada para as 8 horas de hoje nas principais cidades, as pesquisas de boca-de-urna, as declarações de políticos e candidatos e as opiniões de especialistas indicam que:

— Os maiores centros políticos do País dividem-se entre pelo menos seis partidos, e o PMDB está virtualmente expulso das grandes capitais do Centro-Sul, seu reduto tradicional;

— O PT se consolida como partido de raízes profundas — fenômeno novo na política brasileira — e se credencia para definir com PSDB ou PDT uma parte importante da corrida presidencial de 89;

— A derrota de ontem é um golpe contundente para Ulysses Guimarães e deve levar os principais governadores do PMDB à posição de confronto ainda mais aberto em relação ao presidente Sarney;

— Com Maluf derrotado em São Paulo, além de Quércia, a sucessão de Sarney começa com as cartas novamente embaralhadas.

— Esta eleição demonstra uma grande vontade nacional rumo à social-democracia — disse o cientista político Hélio Jaguaribe, que há poucos dias alertava de maneira dramática para a possibilidade de o País deslizar rumo ao caos social.

— Mas não afasta de maneira alguma a possibilidade de um grave acidente de percurso até o final do ano e meio que falta para acabar esse governo morto, do Sarney — prosseguiu. — Prossegue a enorme falta de correspondência entre os problemas da realidade e o que faz o governo.

A impressionante ascensão do PT em São Paulo, além de outros centros como Porto Alegre, Campinas, Rio e Belo Horizonte, foi o principal fato isolado nas eleições municipais. O partido, dividido internamente entre facções concorrentes e minigrupos, coloca pela primeira vez no governo de uma das maiores metrópoles do mundo, e geradora de quase a metade das riquezas do País, uma candidata abertamente contrária ao sistema econômico vigente.

— O PT está finalmente em condições de mostrar que não é partido de ficar só de fora, olhando. Nós aceitamos com prazer essa tarefa — declarou, ontem, ao votar, o presidente nacional do PT, Luís Ignácio Lula da Silva.

Aparentemente o PT capturou, ainda mais do que o PDT de Leonel Brizola, o voto do descontentamento com o governo — "com todos os governos como um todo", nas palavras do ex-ministro e empresário Karlos Rischbieter. "Não foi um telegrama, foi um telex muito claro ao governo e ao PMDB", disse o governador do Rio.

Ontem mesmo alguns políticos derrotados, como o governador mineiro, Newton Cardoso, começaram a falar em rompimento aberto com o presidente Sarney e em coligação do PMDB com outros partidos para escolher um candidato à sucessão em Brasília. "Com um candidato só seu, o PMDB não vai", disse Newton.

Os governadores cancelaram uma reunião que teriam hoje com Sarney, alegando falta de tempo para se preparar. Puseram na inflação e no "efeito Volta Redonda" — a sangrenta repressão à greve de metalúrgicos na CSN, semana passada — a culpa por maus resultados nas urnas ontem.

A prefeita

Quem é essa mulher que, mesmo com as urnas fechadas, já se apresenta como prefeita da maior cidade da América Latina.

Luiza Erundina nasceu num lugar tão distante da Paraíba, na fronteira com o Rio Grande do Norte, que até o povo do lugar diz que ali é o fim do mundo. Uiraúna fica no sertão e quer dizer pássaro preto, graúna; a seca às vezes ali é tão braba que o povo tem que ir embora. Duas vezes isso aconteceu na infância de Luiza Erundina, e ela e toda a família enorme, de nove irmãos, tiveram de migrar, os adultos a pé, os miúdos numa espécie de mala de couro, no lombo dos burros.

O pai era artesão e camponês — e tinha dificuldade em manter tão enorme família. Mas a vida ainda piorou bastante quando ele adoeceu; foi aí que Erundina tomou conta dos seus. Ficou um bocado de tempo sem poder estudar, depois que terminou o primário, e só pôde ir para a frente nove anos depois, pela bondade de uma tia, irmã da mãe, viúva, e com uma filharada também.

Como para outras jovens do sertão nordestino, a vida de Erundina era, então, difícil, dirigida entre trabalhos árduos e os estudos; e foi assim que ela conseguiu terminar o ginásio, em Patos, uma outra cidade, na casa da tia. Levou uns anos até se formar em Serviço Social, em João Pessoa, quando se tornou militante do movimento estudantil, onde se destacou, porque já trazia a experiência de ter participado das Ligas Camponesas, de Francisco Julião, um grupo radical que defendia a "reforma agrária na lei ou na marra".

Quem ainda lembra de Erundina estudante é o arcebispo metropolitano da Paraíba, dom José Maria Pires, que ontem dizia que sua eleição para a capital de São Paulo "significa o desejo de transformação da sociedade no estilo da Igreja". Dom José evocou que Erundina foi a oradora de sua turma de formatura, onde ele era paraninfo — e que tempos depois ela foi trabalhar no Instituto de Formação para o Desenvolvimento, na arquidiocese da Paraíba, onde foi sua assessora.

No começo dos anos 70, Erundina teve problemas políticos na Universidade Federal da Paraíba, e, como não via saída profissional em sua terra, resolveu se mudar para São Paulo. Aqui, ela fez um concurso para a Secretaria do Bem Estar Social da Prefeitura, e passou. Em São Paulo, continuou a militar na esquerda, participando de movimentos sociais, e sempre lendo muito marxismo.

Na hora em que Lula decidiu, com outros sindicalistas e políticos, criar um partido, lembrou de Erundina, que tinha sido uma das líderes de uma momentosa greve de funcionários públicos, em 1979. Erundina criava fama de líder decidida e radical — e de muita ação — e foi com tais atributos que se tornou uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. Com seu ativismo, conseguiu se eleger vereadora e deputada estadual — criando um enorme espaço dentro e fora do Partido, com seu trabalho, por exemplo, na periferia, onde sempre teve a simpatia de setores de esquerda (e de extrema esquerda) da Igreja Católica. Em 85, ela concorreu ao cargo de vice-governadora de São Paulo, na chapa de Matarazzo Suplicy, e em 86 passou a ser a líder do PT na Assembléia Legislativa.

Sua grande prova de força não foi, talvez, ganhar a eleição para a prefeitura de São Paulo, em 88 — mas derrotar o candidato de Lula na convenção do PT que escolheu quem o partido ia indicar para a disputa do cargo. Lula e seus companheiros da tendência central do PT queriam o advogado Plínio de Arruda Sampaio. As tendências radicais do PT fecharam em torno de Erundina. No confronto, em junho de 88, os chamados "xiitas" venceram. Lula acatou o resultado da convenção petista, e passou, em seguida, a ser o principal conselheiro de Erundina. Lula disse a ela: esqueça as reuniões fechadas — e vá para a rua brigar pelos votos.

Outra conselheira de Erundina foi a vereadora Irede Cardoso, do PT, líder feminista, que lhe disse, já há tempos, que devia cuidar melhor de sua aparência, cuidar dos cabelos e do rosto... Erundina procurou seguir os conselhos, e passou a freqüentar, toda semana, um instituto de beleza...Na campanha eleitoral para a Prefeitura, Luíza disse que acreditava em Deus, filosoficamente; que apoiava a prisão dos traficantes de drogas, e se opunha à punição dos viciados; que o aborto "só à mulher diz respeito". Explicou, ainda, que esta mulher solteira de 53 anos tem dois lados: a Luíza que é reflexiva, intimista e apaixonada por Beethoven. E a Erundina que é guerreira.

Ontem, ela estava preocupada com a possibilidade de alguma fraude na contagem dos votos. E disse que sua primeira preocupação como prefeita vai ser com o transporte coletivo. Quer determinar tarifas reais e subsidiá-las para alguns setores. Ela deseja rever o Plano Diretor do Município, elaborar um programa de emergência de governo nos próximos três meses, depois de tomar conhecimento da situação real do município, e reestudar o orçamento de 1989, mas a partir de 1º de fevereiro, com a nova Câmara. E vai compor o secretariado independentemente de filiação partidária.

Caso necessário, ela diz que vai pedir para os governos estadual e federal — para viabilizar seu programa na Prefeitura.

Reportagem

Participaram desta edição: Alessandro Giannini, Cláudia Maria Rosa, Cristina Iori, Castilho de Andrade, Denise Mirás, Denise Toledo, Edson Di Fonzo, Elizabeth F. Morais, Fausto Macedo, George Guimarães, Hélio Perazzolo, Inês Rodrigues, Jane Soares, João Eduardo Carvalho, João Sampaio, Kazuma Kuzano, Laura Greenhalgh, Leila Moreno, Lindinha Sayon, Lenora Maieuco, Lalucha Dornelles, Maroni J. Silva, Neusa Sanches, Paulo Pinheiro, Paula Quental, Regina H. Teixeira, Regina Ricca, Rita de Biagio, Sandra Moretti, Sérgio Baklanos, Vera Magyar, Valdir Sanches, Vera C.Dantas, Vera Freire e Vicente Dianezi Fº

Folha nº 86 do proc. nº 1296 de 19

O Brasil nas urnas

FESTA

Erundina comemora com as urnas fechadas

As pesquisas divulgadas logo depois de encerrada a votação eram unânimes: o PT ganhou a prefeitura de São Paulo.

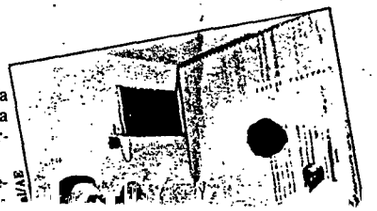
Com o deputado José Genoíno e Eduardo Suplicy, Luíza Erundina brinda antecipadamente a vitória.

Lívido PDS

O rádio sobre a mesa, no meio da sala, a pequeno e de pilha, mas o silêncio pe-do e atento com que os dezoito homens o uviam lembrava uma cena da Segunda uerra Mundial. Só que a bomba caiu di-

— apostando em um má administração da didata. Com isso, Quércia recuperaria magem junto ao eleitorado bem infor-mado.

No meio da tarde, antes da notícia pe-



Alegre PT

"O povo avisa, prefeita é Luíza." Ou: "O povo na rua levou a Prefeitura". Ou ainda: "Brilhou a estrelinha, caiu a raspadinha". Estes eram alguns dos alegres refrões cantados ontem, desde o início da noite, na av. Paulista, em frente ao prédio

Era um clima de festa e emoção. Valiam abraços, beijos, um descontraído carnaval na avenida. Sem incidentes. No trânsito, as adesões vinham dos carros, dos motoristas de ônibus e de motoqueiros. Enfim, a impressão era a de que ninguém

Folha de proc.
nº 11 de 1996

aviam lembrava uma cena da Segunda Guerra Mundial. Só que a bomba caiu diretamente sobre a sala — o QG do malufismo — quando, às cinco e vinte da tarde, o locutor da rádio **Jovem Pan** anunciou: "A senhora Luíza Erundina foi eleita prefeita de São Paulo".

O charuto tremeu um pouco à boca de Roberto Paulo Richter, presidente regional do PDS e coordenador da campanha de Paulo Maluf. Lívido, ele ouviu a frase sentado atrás de sua mesa, naquela mesma sala onde estavam alguns políticos e assessores da campanha. Um destes, o empresário Mário Figueiredo, arregalou os olhos de susto ao ouvir a notícia, abraçado ao filho, um menino de uns doze anos. O silêncio arrastou-se por longos segundos, até que o próprio Richter se compôs e resolveu romper-lo:

— Mais força na apuração, amanhã.

Os outros reagiram com risos nervosos e comentários de forçado otimismo. "Vamos ver é quando abrirem as urnas, amanhã". "Se isso que o rádio disse valesse, não precisava de eleição". Um grupo mais atilado resolveu conferir e mudou de estação. Poucos minutos depois anotava os resultados da pesquisa da rádio Bandeirantes: Erundina; 47% Maluf, 27%.

Richter procurava manter uma postura de serenidade (embora continuasse lívido): "Temos nossos números e vamos continuar com o mesmo esquema de apuração de votos". Os números também eram resultado de uma pesquisa de boca-de-urna, feita por equipes contratadas pelo PDS, segundo Richter com 12.417 entrevistas. Nela, Maluf aparece com 34,2%, Erundina com 28,8%. E Leiva com 15,7%, Serra com 15,6%, Mellão e outros com 6,3%. (Mais tarde, o presidente do PDS falaria da mesma pesquisa a jornalistas que estavam à frente da casa de Maluf, mas com outros números: Maluf 31%, Erundina 29%, Leiva 15%.)

Mas no QG do malufismo — a sede do PDS, na avenida Europa — ninguém atinava com uma razão determinante para explicar o resultado que todas as outras pesquisas (incluindo o Ibope) mostravam: Erundina eleita. Miguel Colasuonno, empresário e ex-presidente da Embratur, reduzia a questão para a morte dos três operários, pelo Exército, em Volta Redonda, na semana passada: "Pode ter havido uma jogada para provocar uma reta de chegada emocional".

Salim Curiati, deputado federal que já foi prefeito da cidade em mandato tampão, arriscava frases de um otimismo deslocado: "Acho que Paulo Maluf ganha essa". Mas seus companheiros de partido buscavam, para os fatos evidentes, explicações variadas: "A igreja progressista da Zona Leste reduziu os votos de Erundina. A queda brusca de Leiva rendeu votos de antimalufistas à candidata do PT, sem se falar dos vindos de eleitores de Serra. Uma hipótese sofisticada considerava que Quércia baixara a guarda de propósito, para eleger Erundina mado.

No meio da tarde, antes da notícia pelo rádio, o tom das declarações de Paulo Richter já era de uma sobriedade exemplar. Planos para comemorar a vitória de Maluf, se ocorrer? "Não há razão para se comemorar nada, com a situação em que o País, a cidade e a população vivem."

Em um local secreto, segundo Richter, já estavam prontos os computadores que serão empregados para a apuração que o PDS vai fazer hoje, a partir de dados enviados por transmissores de rádio, dos locais de apuração. Eles devem registrar, acha Richter, a vitória de 15 vereadores do PDS, entre os 53 eleitos. Mas o prefeito será de outro partido — e outro sexo.

Valdir Sanches

Sérgio Amaral/AE

No QG malufista, o abatimento de Richter, Curiati e Colasuonno após o fechamento das urnas e a revelação das pesquisas que davam a vitória da candidatura petista.

nha". Estes eram alguns dos alegres refrões cantados ontem, desde o início da noite, na av. Paulista, em frente ao prédio da Fundação Cásper Líbero. Eram centenas de pessoas — uma esmagadora maioria de jovens — comemorando a provável vitória do Partido dos Trabalhadores na eleição municipal em São Paulo.

Embora a direção do PT tenha adotado uma conduta muito mais cautelosa — a preocupação ontem à tarde no Comitê Central era garantir uma fiscalização efetiva junto aos 24 locais de apuração — as manifestações dos petistas eclodiam, aqui e ali, espontaneamente. A maior delas aconteceu mesmo na av. Paulista, próximo aos comitês de dois candidatos a vereador do partido — Pedro Dallari e Paulo Frateschi.

Sorridente, bem-humorada. E com uma certeza.

A candidata do PT à Prefeitura, Luíza Erundina, acordou cedo ontem, às 4h30 da manhã. Duas horas depois já tomava o café da manhã na cozinha de seu apartamento, no bairro de Mirandópolis, rodeada de jornalistas. Sorridente e bem-humorada, aceitava as brincadeiras dos repórteres sobre a mesa caprichada que a esperava (toalha de renda branca, mamão, suco de laranja, requeijão e biscoitos) e a roupa que vestia, saia branca plissada e blusa creme, com broche de borboleta na lapela. "Roupa nova, Erundina?", perguntavam os jornalistas. "Pobre quando põe roupa nova todo mundo nota", respondia sorridente.

Depois de uma rápida olhada nos jornais do dia, mostrou-se ainda mais confiante na vitória: "As perspectivas são muito positivas. O negócio realmente explodiu e a campanha se polarizou. Teremos agora um voto mais ideológico", prognosticava. A euforia só desparecia quando o assunto se voltava para a possibilidade de fraudes que possam acontecer na apuração. "Temos de nos prevenir. Numa disputa acirrada como essa é preciso cuidado. Mas o partido está com um esquema de controle muito bom e até montou um esquema de apuração alternativo", explicava a candidata do PT.

Às 7h10 da manhã já estava na avenida Paulista, em frente ao prédio da Gazeta, onde foi acompanhar a abertura de uma sessão eleitoral. Foi recebida pelo seu vice, Luiz Eduardo Greenhalgh, ao som de rojões, estrategicamente detonados nessa hora pelo pessoal de sua assessoria. Deu muitas entrevistas, abraçou simpatizantes e às 9h05 já tinha cruzado a cidade, em direção a Ermelino Matarazzo, onde votou, juntamente com o candidato a vereador Eduardo Suplicy, no Colégio Filomena Matarazzo, 48ª seção da capital. Na saída da sala 14, contou que havia votado para vereador no candidato Adriano Diogo.

O mesmo clima de alegria com que foi recebida no local de votação se repetiu depois, às 10h45 da manhã, quando chegou a Itaquera. Ali, durante uma hora, recebeu abraços de simpatizantes e boqueiros de urna postados em frente ao Colégio Rosa de Hiroxima, perto do Parque do Carmo. "O povo avisa, prefeita é Erundina", gritavam algumas pessoas num coro puxado pelo pessoal de sua assessoria.

Ao meio-dia chegava ao Jockey Club, na av. Cidade Jardim. Lá a aguardavam o jornalista Fernando Gabeira, o deputado federal José Genoíno, o presidente do PC do B, João Amazonas, a atriz Lélia Abramo, a sexóloga Marta Suplicy e até o presidente regional do PL, Guilherme Afif Domingos. "Tudo bem?", perguntou a Afif. "E o Mellão?" "Ele não está aqui agora, mas a campanha vai indo muito bem", respondia o deputado. Do Jockey, a candidata do PT almoçou com correligionários no restaurante Senzala, da Praça Panamericana.

Sorridente, desconfiado. E com esperança.

Até às 17 horas, era de euforia o clima em frente à casa do ex-governador Paulo Maluf, candidato do PDS, na rua Costa Rica (Jardim América). Mais de 15 carros com muitos cartazes e adesivos colados e malufistas entusiasmados comemoravam a vitória, como já havia acontecido no Colégio Sacré Coeur de Marie, na av. Nove de Julho, quando Maluf votou às 16h10, na 49ª seção. Foi aclamado por correligionários aos gritos de "já ganhou" e "Maluf presidente".

Mas no final da tarde, quando várias emissoras de rádio, jornais e institutos confirmavam a virtual vitória da candidata petista Luíza Erundina, começou a pairar um clima de velório, tanto dentro da casa quanto fora. Maluf saiu às 16h50 para saudar os correligionários e recebeu um grupo de amigos da família, que saíram pouco depois com ar triste. A perua kombi KO-3091 passou em frente à casa, com uma criança agitando uma bandeira do PT, que um malufista tentou arrancar.

Dois membros da equipe de Paulo Maluf, que circulam na residência, confidenciaram ao JT que o clima lá dentro era de derrota. Outro sintoma era o fato de que Maluf havia prometido anunciar a pesquisa feita por sua equipe às 17 horas, mas só saiu às 18h45 para falar com os repórteres. E os malufistas apresentaram dados contraditórios. Enquanto Maluf falava em vantagem de 4% sobre Erundina, pedindo o testemunho do empresário Sérgio Lupatelli (que coordenará a fiscalização da apuração), minutos antes o presidente regional do PDS, Roberto Paulo Richter, havia declarado que a diferença era de 2%.

Flávio e Lina, filhos do ex-governador, não exibiam expressões de animação. Os deputados estaduais Hadith Helu e Antônio Salim Curiati e o empresário Georges Gazale, amigo de Maluf e do ex-presidente João Figueredo, também procuravam não admitir a derrota. Afirmavam, como Maluf, que a verdadeira pesquisa se dá nas urnas.

Maluf questionou a validade das pesquisas e afirmou: "O PT está tentando ganhar no grito. Determinado partido totalitário quer festejar a vitória antes da apuração". De manhã, também aludindo ao PT, havia dito que "o povo sabe votar e votará em quem lher der segurança e não insegurança e incompetência. Às vezes é emocional, mas sabe votar e vai eleger o melhor".

"Vou visitar minha querida mãezinha", anunciou. Ele esteve com dona Maria (83 anos, que está acamada há três meses em sua casa, na rua Inglaterra, devido a uma fratura no fêmur esquerdo), das 11h50 às 13 horas, sempre no Opala prateado de placas RH-1313 (13 é o número do PT). Almoçou em casa e, à noite, como faz há 20 anos, foi participar do almoço de aniversário do amigo Carlino Campolino.

sito, as adesões vinham dos carros, dos motoristas de ônibus e de motoqueiros. Enfim, a impressão era a de que ninguém conseguirá tirar a prefeitura de Luíza Erundina.

O primeiro candidato a chegar para a festa foi Paulo Frateschi. "Eu tinha certeza absoluta de que o povo não iria errar. Este é um momento histórico na vida da cidade." Pedro Dallari, candidato a vereador e filho do jurista Dalmo de Abreu Dallari, também chegou para cumprimentar os seus cabos eleitorais e familiares na Paulista. Para ele, as manifestações seriam incontroláveis a partir daquele momento, já que o povo tomava conhecimento dos prognósticos das rádios e tevês — todos apontando para a vitória de Erundina:

— Como é o voto no PT hoje? É o voto indignado, um voto ético. As pessoas chegaram a um estado de exaustão, não agüentam mais os corruptos. É preciso restaurar certos princípios éticos na Nação. Não podemos mais aceitar incidentes como os de Volta Redonda ou escândalo Ceccato. A partir disto, o que estamos constatando é que não só a classe trabalhadora levou o PT a esta vitória. Também a classe média se fez presente, fez o seu protesto. Eu, que trabalhei muito nesta faixa, tenho plena convicção disto — afirma Pedro Dallari.

E acrescenta ser preciso honrar a confiança da população: "Se ganharmos, temos um longo trabalho pela frente. É uma enorme responsabilidade". Este longo trabalho já preocupa muitos petistas. Como argumentava ontem o comerciante Douglas Valente (comemorando até com um bebê no colo): "Não sabemos como o empresariado vai reagir à vitória da Luíza. Pode ser que a nossa prefeita e seus vereadores venham a sofrer muito boicote". Já Claudio Cutatolo, 29 anos, preferiu fazer um pedido a Luíza Erundina: "Se ela for à nossa prefeita, gostaria que ela não aumentasse tanto as multas de trânsito". Curiosamente, Claudio é funcionário do Detran.

Enquanto os foliões do PT gritavam "Leiva, Maluf, o povo não atura; Luíza Erundina é que vai pra Prefeitura", o candidato a vice-prefeito do partido, o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, fazia um apelo pela **TV Cultura:** "Lembremos do que nos aconteceu em Goiânia, em 85. Ganhamos as eleições, mas fomos roubados na apuração. É preciso fiscalizar. Até o final".

Onde estava Luíza Erundina no começo da noite de ontem? Ela também não conseguiu se safar da festa armada por amigos e vizinhos, na rua Heliotrópos, no bairro de Mirandópolis. Recebeu flores, deu entrevistas e comemorou, mas insistindo na ressalva: "Ainda não ganhamos". Mas já adiantou alguns pontos da sua administração. Quer montar um secretariado baseado na qualificação profissional e não só na filiação partidária. E pretende logo elaborar um plano de emergência para contornar o rombo financeiro do município.